

## **REPRESENTAÇÕES SOBRE O RURAL E A AGRICULTURA: UM ESTUDO EM TORNO DO DEBATE SOBRE O DESENVOLVIMENTO EM ROCA SALES (RS)<sup>1</sup>**

Jair Miguel Alles<sup>2</sup> e Paulo Eduardo Moruzzi Marques<sup>3</sup>

**RESUMO:** Neste artigo procuram-se discutir as representações sobre a agricultura e o mundo rural dos atores sociais de Roca Sales (RS) de alguma maneira implicados no desenvolvimento (rural) local. Apesar dos diferentes posicionamentos dos atores locais, há unanimidade em considerar a agricultura como atividade muito importante para o município. Diante dessa perspectiva, o êxodo rural provocado pela modernização da agricultura é, de modo geral, motivo de lamentação. Nesse quadro, mesmo que predomine uma visão fatalista do processo, é possível apontar ideias que possam renovar esse debate.

**Palavras-chave:** Representações sociais. Desenvolvimento rural. Poder local.

## **REPRESENTATIONS ABOUT THE RURAL AND AGRICULTURE: A STUDY AROUND OF THE DEBATE ABOUT THE DEVELOPMENT IN ROCA SALES (RS)**

**Abstract:** In this article to look for discuss the representations about agriculture and the rural word of the social actors from Roca Sales (RS) whit some way to implicate in the local (rural) development. In spit of to have different view by the local actors, however to have nearly one unanimous in to consider the agricultures something a lot important for the municipality. In this perspective, the rural way out to cause by the agriculture modernization is, in general way, reason of complaining. In this board, same predominant a fatal view of the process, is possible to point for ideas that can to renew this debate.

**Key Words:** Socials representations. Rural development. Local power.

---

<sup>1</sup> Este trabalho tem como base um dos capítulos da dissertação intitulada: "Políticas públicas, conselhos municipais e agricultura familiar: representações sobre o rural em Roca Sales/RS e a emergência da noção de multifuncionalidade da agricultura", defendida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2005.

<sup>2</sup> Engenheiro Agrônomo, Mestre em Desenvolvimento Rural (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural - PGDR/UFRGS), jair\_alles@yahoo.com.br,

<sup>3</sup> Professor Doutor do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (USP), pmarques@esalq.usp.br.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo discute primordialmente as representações sociais sobre a agricultura e o desenvolvimento rural obtidas a partir de entrevistas com atores implicados no debate político do município de Roca Sales, no Vale do Taquari/RS. As entrevistas foram realizadas em 2004.

O discurso dos atores locais em questão, notadamente os conselheiros em desenvolvimento rural, foi analisado a fim de explorar as possíveis expressões de ideias cujos contornos compartilhem ou esbocem preocupações assinaladas nos debates em torno da multifuncionalidade da agricultura, tomando em conta, sobretudo, aquelas destacadas no livro *Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar* (CARNEIRO; MALUF, 2003) e também as reflexões desenvolvidas em outra ocasião (ALLES, 2005).

As dimensões realçadas aqui são a reprodução socioeconômica das famílias, a promoção da segurança alimentar da sociedade e das próprias famílias rurais, a manutenção do tecido social e cultural e a preservação dos recursos naturais e da paisagem rural. Sob essa ótica, procuram-se discutir as construções e os conflitos em torno das representações sobre a agricultura e o rural, com vistas principalmente a assinalar os elementos que possam despertar novas energias sociais.

## 2 ALGUMAS NOTAS SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Resgatar algumas referências a respeito do tema das representações sociais auxilia na compreensão do presente artigo. Dessa forma, pode-se conceituar inicialmente “representações sociais” como um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção anterior ou de um conteúdo do pensamento. Nas ciências sociais, são definidas como categorias de pensamento, de ação e de sentimento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a. Enquanto ferramenta analítico, essas percepções são consideradas consensualmente importantes, atravessando a história e as mais diferentes correntes de pensamento sobre o social (MYNAIO, 2004, p. 158). Essa autora lembra também da importância central da linguagem no contexto das representações sociais:

As representações sociais se manifestam em condutas e chegam a ser institucionalizadas, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Sua mediação privilegiada, porém, é a linguagem do senso comum, tomada como forma de conhecimento e de interação social. Mesmo sabendo que ela traduz um pensamento fragmentário e se limita a certos aspectos da experiência existencial, frequentemente contraditória, possui graus diversos de clareza e de nitidez em relação à realidade [...]. Algumas representações sociais são mais abrangentes em termos da sociedade como um todo e revelam a visão de mundo de determinada época. São as concepções das classes dominantes dentro da história de uma sociedade. Mas essas mesmas ideias abrangentes possuem elementos de

passado na sua conformação e projetam o futuro em termos de reprodução da dominação [...]. As representações sociais não são necessariamente conscientes. Perpassam o conjunto da sociedade ou de determinado grupo social, como algo anterior e habitual, que se reproduz e se modifica a partir das estruturas e das relações coletivas e dos grupos [...]. Por serem, ao mesmo tempo, ilusórias, contraditórias e 'verdadeiras', as representações podem ser consideradas como matéria-prima para a análise do social e também para a ação pedagógica-política de transformação, pois retratam a realidade. Porém, é importante observar que as representações sociais não conformam a realidade e seria outra ilusão tomá-las como verdades científicas, reduzindo a realidade à concepção que os atores sociais fazem dela (MYNAIO, 1995, p. 108-110).

Para GUARESCHI (1995, p. 202), é de "Jodelet a definição de representações sociais que detém um amplo consenso entre os que discutem esse conceito: representações sociais são uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social". Então, segundo JOVCHELOVITCH (1995, p. 81):

[...] a análise das representações sociais deve concentrar-se naqueles processos de comunicação e vida que não somente as engendrem, mas que também lhes conferem uma estrutura peculiar. Esses processos, eu acredito, são processos de mediação social. Comunicação é mediação entre um mundo de perspectivas diferentes, trabalho é mediação entre necessidades humanas e o material bruto da natureza, ritos, mitos e símbolos são mediações entre a alteridade de um mundo frequentemente misterioso e o mundo da intersubjetividade humana: todos revelam numa ou noutra medida a procura de sentido e significado que marca a existência humana no mundo. [...] Assim são as mediações sociais, em suas mais variadas formas, que geram as representações sociais. Por isso elas são sociais, tanto na sua gênese como na sua forma de ser. Elas não teriam qualquer utilidade em um mundo de indivíduos isolados, ou melhor, elas não existiriam. As representações sociais são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente. Nesse sentido, elas são um espaço potencial de fabricação comum, onde cada sujeito vai além de sua própria individualidade para entrar em domínio diferente, ainda que fundamentalmente relacionado: o domínio da vida em comum, o espaço público.

Como lembra SPINK (1995, p. 122), "é consenso entre os pesquisadores da área que as representações sociais, enquanto produtos sociais, têm sempre que ser remetidas às condições sociais que as engendraram, ou seja, o contexto de produção". Aliás, sobre o contexto, cabe salientar que:

Considerando, ainda, que estes conteúdos que circulam na sociedade podem ter sua origem tanto em produções culturais mais remotas, constituintes do imaginário social, quanto em produções locais e atuais, deduzimos que o contexto pode ser definido não apenas pelo espaço social em que a ação se desenrola, como também a partir de uma perspectiva temporal. Três tempos marcam essa perspectiva temporal: o tempo curto da interação que tem por foco a funcionalidade das representações; o tempo vivido que abarca o processo de

socialização – o território do *habitus* [...], das disposições adquiridas em função da pertença a determinados grupos sociais; e o tempo longo, domínio das memórias coletivas onde estão depositados os conteúdos culturais cumulativos de nossa sociedade, ou seja, o imaginário social (SPINK, 1995, p. 122).

Nesse desencadeamento de ideias parece pertinente resgatar alguns pensamentos em torno do conceito de “*habitus*” de Bourdieu, o qual permite integrar mais profundamente as representações sociais no quadro das disposições e valores socialmente adquiridos. De acordo com MINAYO (1995, p. 104), as ideias de Bourdieu fundamentam o esquema teórico do que denomina “*habitus*”, isto é:

Um sistema de disposições duráveis e transferíveis que integram todas as experiências passadas e funciona, a todo momento, como matriz e preocupações, apreciações e ações. O ‘*habitus*’ torna possível o cumprimento de tarefas infinitamente diferenciais, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas, da mesma forma, graças às correções incessantes dos resultados obtidos e dialeticamente produzidos por estes resultados (MINAYO, 1995, p. 104).

Com efeito, o *habitus* é algo inerente à vida humana, na medida em que, enquanto ser social, o homem incorpora o conhecimento acumulado por gerações, desde a primeira infância. Este fenômeno transfere ao indivíduo a história da sociedade, com distinções em razão dos lugares ocupados na estrutura social. Portanto, os *habitus* se associam às marcas das posições e situações de classe. Segundo BOURDIEU (2001), o *habitus* é a mediação universalizante que proporciona as práticas, sem razões explícitas e sem intenção significativa, de um agente singular, seu sentido, sua razão e sua organicidade.

As relações interpessoais numa pesquisa nunca são apenas relações de indivíduos e a verdade da interação não reside inteiramente na interação [...]. É a posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos trazem consigo em forma de ‘*habitus*’ em todo tempo e lugar, que marca a relação. (MINAYO, 1995, p. 105).

Nessas breves notas sobre as representações sociais, a intenção consistiu em salientar alguns marcos teóricos relevantes, úteis para o presente trabalho empírico. O propósito foi antes de tudo assinalar os aspectos mais pertinentes para este estudo, suficiente para as reflexões propostas no âmbito do presente artigo.

### **3 REPRESENTAÇÕES DE ATORES LOCAIS SOBRE O RURAL E A AGRICULTURA**

Nas linhas seguintes, procuram-se distinguir as diferentes interpretações dos diversos conjuntos de atores engajados no campo político local de Roca Sales, cujo debate sobre o desenvolvimento se associa muito ao papel da agricultura

como indutora de dinâmicas econômicas, sociais e territoriais. Desse modo, discutiram-se as concepções sobre a agricultura das autoridades locais, dos representantes do sindicato de trabalhadores rurais, dos técnicos dos serviços públicos agrícolas, dos profissionais do sistema de crédito cooperativo, além de outros atores importantes de nosso ponto de vista.

### 3.1 Representações sobre agricultura das autoridades locais

Em outro estudo, desenvolveu-se a ideia de que, “historicamente, as prefeituras de pequenas e médias cidades são instituições opacas, pouco afeitas ao controle público. O executivo local possui, tradicionalmente, um poder desmedido em relação à câmara municipal, subordinada aos interesses do prefeito” (MARQUES, 2004, p. 76). No entanto, “a constituição de 1988 representou uma certa transformação destas tendências, exprimindo a vontade de ruptura com o poder excessivo do prefeito municipal”. Nesta ótica, convém examinar em que medida as representações sociais sobre a agricultura e o desenvolvimento dos membros do executivo e do legislativo municipal refletem um desejo de democratização.

Em relação ao tema da agricultura, o depoimento do prefeito constitui, portanto, um primeiro material para esta reflexão, do qual se pode salientar a seguinte passagem:

A agricultura significa – a agricultura e a pecuária significam – mais ou menos 30% de retorno [de Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços - ICMS] do município de origem na atividade agropecuária, sendo que Roca Sales é um dos cinco maiores criadores de frango, está também entre os maiores criadores de suíno, produtor de leite e também tem uma expressiva produção de grãos que, em decorrência da fuga do homem do meio rural, caiu, mas nós estamos vendo outras atividades novas, a região montanhosa de Roca, que é grande, com novas alternativas, o plantio de citrus, pêssegos, goiaba. E, agora, muito incentivado por nós e pelo pessoal da secretaria de agricultura, o plantio de uvas (entrevista prefeito, fev. de 2004).

Prontamente chama a atenção a visão desse interlocutor a grande importância da agricultura. O destaque atribuído ao êxodo rural nos permite pensar em certa preocupação com a dimensão da manutenção de um tecido cultural e social. Sua desagregação pode gerar inúmeros inconvenientes, associados ao esvaziamento do meio rural. Nessa perspectiva, mesmo que mencione a especialização produtiva no município (em razão, sobretudo, da suinocultura e avicultura), o discurso do interlocutor também revela um interesse pelo tema da diversificação. Tal alternativa poderia contribuir com a persistência e reprodução socioeconômica das famílias rurais.

Por outro lado, cabe lembrar que, na estrutura das prefeituras brasileiras, as secretarias municipais de agricultura constituem, em geral, uma novidade. Efetivamente, a intervenção na agricultura, até pouco tempo atrás,

não fazia parte das atribuições do poder municipal. Portanto, trata-se de uma reorganização recente da máquina administrativa municipal que, via de regra, ainda pouco potencializou a capacidade de ação das secretarias de agricultura, cujos orçamentos são considerados muito reduzidos pelas próprias autoridades municipais. O diminuto poder de intervenção, aliás, restringe a visibilidade política dos ocupantes do posto de secretário de agricultura.

Nesse contexto, a visão do secretário municipal de agricultura, que também é presidente do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural de Roca Sales, gira em torno basicamente de dois eixos, por vezes em oposição, a diversificação e a modernização:

Hoje o meio rural, o setor primário, participa com 32% do valor adicionado fiscal do município. Então um terço da renda do município provém destes 50% da população que são 4 mil e 700 habitantes, que são verdadeiros heróis para produzir tudo isso. Eu gostaria assim que a área rural partisse para um trabalho mais técnico, agregando mais valor, agregando culturas mais rentáveis e que o pequeno produtor vai ter que sair da atividade de milho, soja, pensando em venda desses produtos. Produzindo milho sim dentro da propriedade como subproduto, como insumo de sua atividade leiteira ou como silagem, mas dedicasse um bom percentual de sua propriedade para outras atividades, diversificação dentro da propriedade. Não sei se eu sou um grande entusiasta nesta área, mas eu vejo a fruticultura como um dos horizontes aqui no Vale do Taquari. Roca ainda vai ser um dos grandes polos de produção de frutas no Rio Grande do Sul (entrevista secretário municipal agricultura, fev. de 2004).

A ideia de diversificação aparece, portanto, de forma recorrente nos discursos dos interlocutores, como uma maneira de redinamizar a economia e a agricultura local. O discurso do secretário de saúde do município transmite uma visão mais holística dos fenômenos que envolvem a agricultura, conforme pode ser claramente verificado abaixo:

Agricultura para mim – e não só para Roca Sales – num país continental como o Brasil, que [não] prioriza a agricultura, ele compromete o desenvolvimento do país. E Roca Sales não foge à regra, pois nós aqui embora hoje dependamos 80% da renda da cidade, 50% da população ainda mora no rural, embora tenhamos uma quantia de idosos considerável [...]. E quando tu vai ver 30% da arrecadação do município vem do meio rural. Errado! Eu acredito que isso seja 90%, porque eu acho que essa leitura é feita errada, porque, se hoje nós temos uma Penasul em Roca, é porque tem quem produz grão, e quem engorda o frango. Se temos um curtume Bom Retiro em Roca, é porque temos alguém que planta pasto e engorda gado [...]. Se tu entra num supermercado hoje, mais de 50% dos produtos/itens são do setor agropecuário. Se tu entra num bazar de roupa, o que tem ali do setor têxtil, que dependem do setor da agricultura. Se tu vai ver o setor moveleiro, de onde vem a madeira? Até a poeira que nós engolimos aqui vem da roça. Então se tu faz essa leitura, tanto em nível de município quanto de estado, como de país, de que 30-40% está errado. Não estamos falando a verdade, e isso eu posso citar um monte de coisas mais, como pequenos negócios, como as farmácias veterinárias, o posto de combustível, a borracharia, a parte metalúrgica que tem muito a ver com o setor agropecuário. E um outro dado que

não deixa sombra de dúvida nenhuma é a balança comercial deste país – senão fosse o setor agropecuário eu não sei não... Então... o setor agropecuário... ele exige muito porque ele é um setor muito extenso, complexo, ele envolve muita coisa. Tu começa lá na pesquisa, o que é melhor para produzir, o insumo. Daí tu entra para dentro da propriedade: ela tem que ser bem administrada. Tu tem que ter o conhecimento do todo, aí vai para a indústria, vai industrializar, é o transporte, tem o mercado, tem as concorrências, tem que competir, e, às vezes, a competição é 'madrasta' [perversa] quando por exemplo tu é capitalizado, e eu não sou...(entrevista secretário municipal saúde, fev. de 2004).

Esse testemunho expressa, de maneira acentuada, a ideia de que a reprodução socioeconômica das famílias rurais favorece dinâmicas muito além da esfera propriamente agrícola (tais como em torno de empreendimentos do tipo de borracharias, farmácias, entre outros) que dependem de um tecido social rural sólido. Assim, a agricultura serve como uma espécie de "cimento", que une vários setores produtivos e sociais e colabora para a sua reprodução. Nas entrelinhas do discurso, a subordinação da agricultura, e particularmente da agricultura familiar (considerada como motor dessas dinâmicas), aos setores financeiros, industriais e de serviços é motivo de lamentação.

No âmbito do legislativo local, o vereador entrevistado (com assento no Conselho de Desenvolvimento de Roca Sales, CONDER) ressalta a relação econômica desfavorável aos agricultores familiares quando da negociação de seus produtos com as integradoras:

Eu acredito [...] e se tu fosse perguntar quanto se planta disso, quanto se planta daquilo eu ia sair simplesmente zerado desta entrevista. A minha camisa, o meu trabalho sempre visa o bem-estar da agricultura até porque nesta questão a agricultura é de fundamental importância para o município [...]. Uma das coisas que me deixa muito frustrado, principalmente ligado ao setor da avicultura, é a forma como está sendo feito os acordos com os agricultores, porque na realidade o setor está passando uma crise muito grande e eu vejo que está pagando o preço por isso [os agricultores]. Eles estão achando uma forma através dos acordos por média semanal, aonde o agricultor perde a autonomia sobre sua própria produção, sobre o seu próprio lote. É feita uma média semanal e é embutido naquele lote. Ele já perdeu a autonomia [...] para fazer a base do cálculo da média, e, se o setor continuar a ir para trás como está indo, vai causar uma grande crise aqui em Roca Sales. Até mesmo porque o aviário de 100 metros traz de retorno em torno de 2.500 a 4.500 reais limpo por ano para a prefeitura. Na realidade sobra mais do que para os agricultores em retorno de ICMSs... (entrevista, fev. de 2004).

Na visão desse representante local, a subordinação da agricultura ao setor industrial é motivo de inquietação, sendo a integração interpretada como grande perda de autonomia pelos agricultores. Efetivamente, o agricultor torna-se dependente da orientação técnica, dos insumos, da comercialização fornecida ou realizada pela integradora.



### **3.2 REPRESENTAÇÃO SOBRE A AGRICULTURA DOS MEMBROS DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS (STR)**

Um fato importante na história do sindicalismo que se pode assinalar foi que “a regulamentação do sindicalismo rural pelo Estado brasileiro e a consequente criação e/ou transformação das entidades organizativas pré-existentes em sindicatos culminaram na constituição, no final de 1963, de uma Confederação Nacional de Trabalhadores na Agricultura (CONTAG)<sup>4</sup> que unificava a enorme diversidade de segmentos no campo e centralizava as organizações sindicais até então existentes” (MEDEIROS, 2002a, p. 104).

Assim, “o sistema sindical dos trabalhadores rurais é marcado por uma forte heterogeneidade. A representação simultânea de assalariados agrícolas e de pequenos agricultores, identificados progressivamente à agricultura familiar, implica na construção de objetivos distintos, dependendo da categoria predominante em certa região. De toda maneira, a emergência do tema da agricultura familiar no debate político reorienta nacionalmente o movimento sindical dos trabalhadores rurais para esta questão” (MARQUES, 2004, p. 63).

Em Roca Sales, a defesa da agricultura familiar é onipresente no Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Seu representante estima que as dificuldades da agricultura se relacionam a um apoio desproporcional em favor da indústria, como segue na passagem abaixo:

Bom, nosso município sempre foi essencialmente agrícola. Agora, nos últimos anos, claro, se olharmos o retorno do ICM, estamos perdendo espaço na questão para várias indústrias que se instalaram em Roca Sales. A gente percebe assim que o retorno hoje não é mais como era. As indústrias que se colocaram aqui, e estão cada vez aumentando mais, mas mesmo assim eu acho que a agricultura tem um grande percentual. E, por outro lado, o município nunca investiu na agricultura. Se tivessem investido o que investiram nas indústrias, nós teríamos outra agricultura aqui em Roca Sales (entrevista, presidente STR, fev. de 2004).

As indústrias instaladas no município são abatedouros de aves e suínos, com forte vocação para exportação, e também curtumes e fábricas de sapatos. Ou seja, apesar de a indústria local, em grande parte, ser relacionada com o processamento de produtos agrícolas, a agricultura recebe uma sustentação muito inferior que aquela recebida pela indústria. Tal visão reconhece que a agricultura foi em grande medida pensada enquanto atividade atrasada, cuja modernização dependia, segundo uma concepção produtivista, de sua total subordinação à

---

<sup>4</sup> Desde sua criação até os dias atuais a CONTAG sofreu muitas mudanças, notadamente no que se refere ao crescimento das “oposições sindicais”, e hoje a “CONTAG deixou de ter o monopólio de falar pelos trabalhadores do campo, passando a disputar sua representação e bandeiras com outras formas organizativas, sindicais (como é o caso da Federação dos Empregados Rurais do Estado de São Paulo, FERAESP, e da Federação de Trabalhadores na Agricultura Familiar de Santa Catarina, FETRAFESC, no plano estadual), não sindicais (MST, Conselho Nacional dos Seringueiros), além da CUT” (MEDEIROS, 2002a).



indústria. É assim que todas as peculiaridades da agricultura, aquelas que são em boa medida lembradas no debate sobre sua multifuncionalidade, foram negligenciadas.

Em todo caso, as possibilidades de emprego de pessoas da família rural nas indústrias localizadas no perímetro urbano abrem oportunidades pluriativas, o que contribui parcialmente para a própria manutenção e reprodução social de famílias rurais, mas sem romper com a lógica de subordinação e perda de autonomia dos agricultores.

### **3.3 Representações sobre agricultura dos técnicos de extensão rural, de apoio e de fiscalização**

Num instigante artigo, NEVES (2004) apresenta breve histórico da extensão rural e suas relações com as demandas de uma nova categoria social emergente, os agricultores familiares. Trata-se de discutir as reivindicações de nova extensão rural adaptada à sua realidade. Algumas citações do trabalho da autora parecem oportunas para entender o estado atual da extensão rural no Brasil:

No Brasil, como em outros países do mundo, a assistência técnica enfrenta críticas porque seus modelos de atuação estão esgotados e não correspondem às necessidades de agricultores que enfrentam o desafio da sustentabilidade. Esta situação agrava-se pela separação e ausência de interação sistemática entre a pesquisa e a assistência técnica, que se reflete no baixo nível de desenvolvimento de tecnologias apropriadas para a agricultura familiar no seu contexto ambiental e socioeconômico. Até o início dos anos 90, desenvolveram-se modelos calcados na concepção difusionista, em que os agricultores eram receptores de conhecimentos e tecnologias considerados indispensáveis ao seu desenvolvimento. O modelo era simplesmente de transferência uniforme do progresso técnico. Os centros de pesquisa agrônoma trabalhavam quase que exclusivamente para aumentar a produtividade do trabalho na agricultura dita 'moderna', cujo paradigma era a agricultura norte-americana, altamente mecanizada. O papel dos agentes de extensão se limitava em fazer conhecer as tecnologias aos agricultores interessados, não havendo qualquer participação dos agricultores. A estes cabia apenas aceitar ou rejeitar a tecnologia (NEVES, 2004, p. 13-14).

Sobre essas bases, a extensão rural brasileira favorece representações sociais entre seus profissionais assentadas em boa medida no modelo de modernização mencionado acima. Assim, a visão do representante do órgão oficial de assistência técnica estadual (EMATER) em Roca Sales, em muitos aspectos, fundamenta-se nas próprias ideias norteadoras da instituição, ancoradas no modelo produtivista de modernização da agricultura brasileira, mesmo que tal modelo seja crescentemente contestado. A pertinência em considerar as representações sociais desses profissionais é ainda maior na medida em que "a racionalidade burocrática e o saber técnico-científico outorgam aos técnicos

das empresas de assistência técnica e extensão rural uma forte legitimidade” (MORUZZI MARQUES, 2004, p. 68).

Quanto à ênfase do discurso desse ator local, pode-se destacar a questão da desvalorização dos preços agrícolas e a instabilidade estrutural da agricultura. Também chama a atenção sua ideia referente à conexão da agricultura e, por conseguinte, das atividades produtivas das famílias rurais, com a questão do comércio exterior. Nesse caso, o fato de que muitos dos produtos agrícolas de Roca Sales, após sofrerem processamento industrial, são exportados (como é o caso da carne de frangos e suínos) explica, em grande medida, tal interesse pelo comércio internacional:

Aqui, a agricultura é praticamente a base do município. Uma das debilidades que temos é a questão do talão produtor, [...]. A agricultura é forte em questões de suínos, em questão de aves. Só que a rentabilidade, hoje, o produtor tem que trabalhar em mais quantidade para conseguir um lucro pequeno. Um exemplo é que um produtor em 1981 vendeu 40 porcos e comprou um fusca zero e hoje tu vende 40 porcos e não sei se tu compra [...], então mudou muito, a própria integração. Ficou muito complicado. E também a agricultura tem altos e baixos, pois o produtor nunca faz preço pelos produtos dele, quem faz preço são os outros. Ele não tem esse direito [ênfase] de fazer o preço. Se tem uma galinha, quem faz preço é a empresa [...] e a empresa trabalha com mercados interno e externo, e existe muita variação e então é uma coisa muito arriscada (entrevista : técnico Emater, fev. de 2004).

De fato, seu discurso também salienta a subordinação da agricultura à indústria. Porém, é na visão do biólogo da prefeitura, lotado na Secretaria Municipal de Agricultura, que se encontram contornos mais nítidos de uma alternativa à subordinação. Além de enfatizar a ideia da diversificação (prescrição muito propalada por vários dos entrevistados), ele defende o desenvolvimento de uma solução agroecológica no município, o que favoreceria certa restauração da autonomia perdida pelos agricultores. Ademais, trata-se de considerar a dimensão da preservação dos recursos naturais e da paisagem rural, conforme pode-se observar no seu discurso sobre a importância da agricultura:

A agricultura é a mola mestra deste município. Roca Sales tem suas raízes na agricultura. A indústria é forte, o comércio é forte? É. Mas a agricultura é a mãe, e são as duas pernas deste município, é o alicerce. Por quê? Nosso agricultor, em função das influências ítalo-germânicas que temos, produz [...]: milho, soja, produção leiteira, suínos e aves numa mesma propriedade, e mais uma agricultura diversificada, é amendoim, de tudo um pouco, certo? Feijão, arroz. Então nós temos uma agricultura comercial autossustentável e o próximo passo é estar voltado às técnicas agroecológicas (entrevista biólogo prefeitura, fev. de 2004).

Esse interlocutor se refere também à dimensão da promoção da segurança alimentar da sociedade, valorizando a permanência de uma produção de

autoconsumo, associada à sua perspectiva agroecológica. Nessa linha, é possível mesmo conceber uma preocupação com a biodiversidade alimentar.

Por outro lado, o inspetor veterinário também ressalta a falta de investimentos na agricultura, motivo de uma grande descapitalização dos agricultores. Esse interlocutor estima que melhor condição na agricultura vincula-se com maior capacidade de modernização. Em outras palavras, trata-se de modernizar a agricultura para romper com seu "atraso". A propósito, SERVOLIN (1989) propõe o atraso da agricultura é um mito. Em relação ao modelo industrial (símbolo dos processos tecnológicos modernos), a agricultura possui limites importantes para a incorporação de tal padrão de organização do trabalho e desenvolvimento tecnológico, estando seus vínculos intrínsecos com os ciclos biológicos. Portanto, a forma de pensar do interlocutor é, em boa medida, tributária do modelo da modernização da agricultura.

Eu acho que em primeiro lugar está o setor industrial, mas em segundo lugar de importância está a agricultura. Mas não dá para pôr parâmetros de importância de mais ou menos, porque depende do ponto de vista, porque os dois são importantíssimos. Mas o setor agropecuário, mais o agro, ele não tem muito incentivo por uma questão histórica. Nós não temos subsídios. O desenvolvimento da agricultura nossa é dificultada por falta de recursos. O nosso produtor está descapitalizado. Ele faz conforme dá. Ele põe adubo na sua lavoura conforme dá, e não como precisa ou como ele queria que fosse. Basicamente não existem recursos, financiamentos que satisfaçam o produtor, que, na maioria, é descapitalizado. Muitos produtores nossos estão resistindo na roça por gostarem e sempre na expectativa que a coisa melhore, mas eles não têm capacidade de investimento, pouco, pouco... (entrevista inspetoria veterinária, fev. de 2004).

### **3.4 Representações sobre agricultura dos membros do sistema de cooperativas de crédito cooperativo**

Inicialmente é importante salientar alguns aspectos referentes ao Sicredi (Sistema de Crédito Cooperativo). Nas palavras da nossa entrevistada o Sicredi é:

Nossa empresa era, a princípio, uma cooperativa de crédito estritamente rural, que era fragmentada ainda mais para a agricultura. Mas agora o Banco Central aprovou uma normativa que o Sicredi pode trabalhar com pessoas físicas urbanas e empresas, o que é positivo, pois pode agregar valor para trazer mais recursos para desenvolver a localidade em que a gente está presente. O Sicredi tem uma política de desenvolvimento do local em que está inserido. Como por exemplo, 60% dos recursos que a gente capta têm que voltar em crédito, e a maioria deste crédito hoje vai para a agricultura, grande parte dos chiqueirões e aviários do município saíram por meio de operações do Pronaf, que desde 97 o Sicredi entrou no programa (entrevista em fev. de 2004).

Segundo BITTENCOURT (2001), o Sicredi, como cooperativa de crédito, tem algumas particularidades que o diferencia dos bancos tradicionais, pois mesmo oferecendo serviços similares aos bancos, uma distinção básica é que seus

proprietários, os próprios associados, são seus clientes, não visando lucro para funcionar. Outra marca fundamental nas cooperativas de crédito é que “a maior parte do dinheiro dos associados tende a ficar no próprio município, contribuindo para seu desenvolvimento. Além disso, enquanto que os bancos precisam aplicar apenas 25% de seus depósitos à vista na agricultura, as cooperativas de crédito rural aplicam no mínimo 60%, sendo que a maioria dos bancos prefere depositar no Banco Central o valor referente aos depósitos à vista do que financiar a agricultura” (BITTENCOURT, 2001, p. 24). O QUADRO 1 mostra as diferenças entre os bancos comerciais e as cooperativas de crédito.

QUADRO 1 - DIFERENÇAS ENTRE BANCOS E COOPERATIVAS DE CRÉDITO

ATIVIDADE	BANCOS	COOPERATIVAS DE CRÉDITO
Direção	Donos (ou governos)	Associados
Captação e rendas	Transfere às grandes cidades	Retém e aplica no local
Programas Oficiais	Participa (alguns)	Pode participar, principalmente os de crédito rural
Crédito	Prioriza os grandes projetos ou atividades selecionadas	Analisa a necessidade e a capacidade de investimento e pagamento dos associados
Taxa de juros	Sempre as do mercado	Sempre abaixo do mercado
Lucros/Sobras	São lucros, os quais remuneram os donos e ou acionistas	São sobras, as quais são distribuídas entre os associados ou são reinvestidos na cooperativa
Custo operacional	Maior, devido às estruturas.	Menor (pequenas estruturas)
Serviços financeiros	Cobra elevadas taxas (visa lucro)	Cobra uma pequena taxa pelos serviços (não visa lucro)
Atendimento	Impessoal ou de acordo com o dinheiro do cliente	Tende a ser pessoal para todos os associados

Fonte: Bittencourt, 2001

Apesar dos avanços que uma cooperativa de crédito tem em relação a um banco comercial, isto não significa que todas são agentes de desenvolvimento. Algumas (e não são poucas) cooperativas de crédito no Brasil atuam meramente como agentes financeiros, visando apenas à sua sustentação econômica, independente de quem são os beneficiários do crédito e de seus serviços, ou melhor, fazem uma forte seleção de seu quadro social, e não estão vinculados ao desenvolvimento social, seja ele no meio rural ou urbano (BITTENCOURT, 2001, p. 24).

A princípio, a agência de Roca Sales do Sicredi tem um viés desenvolvimentista.

Nesse município, a gerente do Sicredi mostra nítida preocupação com a agregação de renda. Nessa ótica a agricultura em Roca Sales está diretamente ligada à reprodução social e econômica, tanto das famílias rurais como de outros setores “urbanos” associados, como é o caso notadamente das integradoras de aves e suínos:

Para o município de Roca, se nós tirarmos três grandes empresas que não têm um forte vínculo com o município, apenas geram empregos, tirando isso sobram alguns estabelecimentos comerciais, algumas pequenas empresas. Fora isso é agricultura. Principalmente, nós temos um setor de frangos muito forte, suínos, produção de grãos e leite. Agora temos a preocupação para fazer com que as pessoas comecem a agregar renda sobre o produto e sua propriedade para ter um atrativo a mais neste sentido. Nos nossos pequenos municípios, a agricultura é praticamente 70 a 80% da arrecadação (entrevista em fev. de 2004).

### **3.5 Representação sobre agricultura de outros atores sociais implicados no debate sobre a agricultura e o rural**

Nesta seção, examinam-se as posições do pastor de Roca Sales e de um comerciante instalado há muito tempo no município. Essa escolha se relaciona à importância atribuída por outros informantes a esses interlocutores. Antes de analisar o discurso do pastor local sobre a importância da agricultura para o município, é propício lembrar um fato importante sobre as igrejas protestantes<sup>5</sup> na América Latina, pois de acordo com Michael Löwy (2000), mesmo que não haja uma estatística oficial, estima-se que 18% da população do Brasil seja composta por integrantes das igrejas protestantes, chegando a 25% no Chile. Esses números apenas servem para destacar a importante presença das igrejas protestantes nos países da América Latina, cujos fiéis têm paulatinamente aumentado.

Muitos aspectos do discurso do pastor local da Igreja de Confissão Luterana do Brasil valem a pena ser comentados. Primeiramente, a ideia central é que a agricultura está num processo de transição e, nesse processo, valores e modos de vida vão se alterando.

A importância da agricultura é visível, e não há o que questionar. Mas nos últimos anos a coisa se transformou. Se vocês forem para um lugar como a fazenda Lohmann, parem perto da Igreja e olhem para os morros, vocês verão vários buracos na mata ou que hoje é capoeira, ou seja, o pessoal, é quase uma opinião geral, a roça não dá mais! Essa frase ouviram muito ou ainda vão ouvir. O que aconteceu? Os chiqueirões e os aviários, e alguns tambos de leite, mas não muito expressivos. O forte ficou aqui são os chiqueirões – engorda de leitões, ou matrizes - e as aves. Quase todo o município aqui que tu vai perceber é essa tendência, e os filhos do agricultor, vai visitar a Beira-Rio, a Penasul e a Couros Bom Retiro, ou seja, infelizmente estão todos na cidade. Acho que isto é nacional - propriedade com 6-7 hectares não pode ter um filho lá. Então o pai e a mãe ficam se virando lá e o filho vem para cidade, eu acho seduzido por um salário no final do mês e também não é um trabalho tão 'judiado' como é o trabalho na roça. [...], mas a roça como a gente imagina e conhece, com feijão, aipim e batata, isso é pouco. O pessoal vai cair para o lado da criação em grande escala de suíno [...]. (entrevista em fev. de 2004).

---

<sup>5</sup> Não ligados unicamente ao protestantismo histórico, como nos casos dos autodenominados evangélicos.

Se seu discurso leva a refletir sobre a dimensão da manutenção de um tecido cultural e social, sua interpretação parece um tanto fatalista, o que se diferencia, por exemplo, da visão do biólogo da prefeitura, que permite esboçar a ideia de um reinventar das tradições com a agroecologia (em torno notadamente das produções alimentares diversificadas).

Enfim, o discurso abaixo é de um idoso dono de mercearia que pôde acompanhar vários estágios do processo de transformação dos espaços rurais. Diante disso, seu testemunho adquire, em alguma medida, um contorno um tanto negativo/pessimista e, portanto, fatalista, tal qual o precedente. Do mesmo modo, retrata a tônica das mudanças no meio rural nas últimas décadas, marcada pelo esvaziamento populacional. Resta a aposentadoria rural para a manutenção de pessoas mais idosas em meio rural.

A agricultura era o que mais existia, que mais se praticava em Roca Sales, mas ultimamente não tem mais condições de alguém ficar na agricultura. Por exemplo, antigamente tinha muita suinocultura por aqui, e aquilo foi praticamente eliminado. Hoje em dia são integrados, são meia dúzia de integrados e o pequeno agricultor não tem mais como se manter. Antigamente eu puxava quatro ou cinco camionetes de suínos por dia e hoje se alguém tem 10 animais não tem mercado, não tem para quem vender. Se consegue vender, não sabe quem é, se vai receber, e, quando vê, ele tá quebrado também. A mesma coisa se dá na soja também. A juventude se manda para as cidades, para trabalhar e procurar empregos nas indústrias e na colônia só fica os velhos aposentados. Por isso está um abandono completo a agricultura (entrevista em fev. de 2004).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De modo geral, a agricultura é considerada como atividade muito importante para o município de Roca Sales. Dessa perspectiva, o esvaziamento do campo em razão da modernização produtivista da agricultura é apresentado de forma recorrente como algo deplorável, suscetível de provocar uma crise de proporções consideráveis sob diversos aspectos.

Grande parte dos entrevistados demonstra certo conformismo, considerando o processo de êxodo rural, com suas mais diversas consequências, como uma fatalidade, como algo impossível de ser interrompido. A ideia de uma inevitável subordinação da agricultura às lógicas capitalistas e industriais leva à incorporação profunda de uma representação sobre o papel limitado da agricultura, restrito à indução do desenvolvimento industrial.

Algumas poucas ideias permitem, no entanto, apontar para certo fermento para o debate social sobre as funções sociais, ambientais e culturais da agricultura e do meio rural. Nesse caso, a agroecologia parece ser o meio com o qual as especificidades da atividade agrícola possam ser reconhecidas e valorizadas.

## REFERÊNCIAS

ALLES, J. M. **Políticas públicas, conselhos municipais e agricultura familiar: representações sobre o rural em Roca Sales – RS e a emergência da noção de multifuncionalidade da agricultura.** 2005. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

\_\_\_\_\_. MARQUES, P. E. Moruzzi. **Debate sobre funções sócio-ambientais da propriedade fundiária e a noção de multifuncionalidade da agricultura.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO RURAL, 46., 2008, Rio Branco. **Anais...** Rio Branco : SOBER: UFAC, 2008. 1 CD-ROM.

BAQUERO, M. et al **Para além de capital social – juventude, empoderamento e cidadania.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 3., 2006, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: UNISC, 2006. 1 CD-ROM

BITTENCOURT, G. A. **Cooperativas de crédito solidário: constituição e funcionamento.** 2. ed. rev. Brasília: NEAD, 2001. (Estudos NEAD, 4).

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico.** 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CAPORAL, F. R.; COSTA BEBER J. A. **Agroecologia e extensão rural,** 2006. Disponível em: <<http://www.agroeco.org/brasil/material/costabeber.htm>>. Acesso em: 1 out. 2006.

CARNEIRO, M. J.; MALUF, R. S. **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar.** Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

CAZELLA, A. A.; ROUX, B. Agribusiness em questão: a emergência da agricultura multifuncional. **Estudos Sociedade e Agricultura,** Rio de Janeiro, n 13, p. 46-69, out. 1999.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos.** São Paulo: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **Envolvimento e alienação.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.



GUARESCHI, P. A. Sem dinheiro não há salvação: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. **Texto em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 191-225.

JODELET, D. **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. **Texto em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 63-85.

LAURENT, C. **La multifonctionnalité de l'agriculture**. Paris: Presses de Sciences, 2000.

LÖWY, M. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MALUF, R. S. O enfoque da multifuncionalidade da agricultura: aspectos analíticos e questões de pesquisa. In: LIMA, D. M.; WILKINSON, J. **Inovação nas tradições da agricultura familiar**. Brasília: CNPQ: Paralelo 15, 2002. p. 301-328.

\_\_\_\_\_. Produtos agroalimentares, agricultura multifuncional e desenvolvimento territorial no Brasil. In: MOREIRA, R. J.; COSTA, L. F. C. **Mundo rural e cultura**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p. 241-261.

\_\_\_\_\_. A multifuncionalidade da agricultura na realidade rural brasileira. In: CARNEIRO, M. J.; MALUF, R. S. **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. p. 135-152.

MEDEIROS, L. S. de. **Movimentos sociais, disputas políticas e reforma agrária de mercado no Brasil**. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ: UNRISD, 2002.

\_\_\_\_\_. Sem terra, assentados e agricultores familiares: considerações sobre conflitos sociais e a organização dos trabalhadores brasileiros. In: GIARRACCA, N. **Una nueva ruralidad em América Latina?** Buenos Aires: Clacso, 2002a. p. 103-128.

MINAYO M. C. de S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. **Texto em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 89-111.

MINAYO M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MARQUES, P. E. Moruzzi. Participação e Pronaf: um estudo do poder, dos atores e dos conflitos em torno dos conselhos municipais de desenvolvimento rural. In: SCHNEIDER, S.; SILVA, M. K.; MORUZZI MARQUES, P. E. **Políticas públicas e participação social no Brasil rural**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. p. 51-120.

NEVES, D. P. **Campesinato, reprodução e reenquadramento sociais**: os agricultores familiares em cena. [Rio de Janeiro, 2004]. Trabalho apresentado na reunião brasileira de antropologia, 24., Olinda, 2004.

REMY, J. Um caminho sinuoso e semeado de espinhos: os agricultores franceses: da especialização e intensificação da produção à multifuncionalidade e ao desenvolvimento sustentável. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 5-50, 2004.

ROSSET, P. **The Multiple functions and benefits of small farm agriculture**. Oakland, (CA): Food First, 1999. (Policy Brief, n. 4).

SERVOLIN, C. **L' agriculture moderne**. Paris: Editions du Seuil, Février, 1989.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. **Texto em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 117-145.

TONNEAU, J. P. et al. **Agricultura familiar**: interação entre políticas públicas e dinâmicas locais: ensinamentos a partir de casos / organizado por Jean Philippe Tonneau e Eric Sabourin. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

